

Unidades de Conservação: O papel da Geografia na construção da “paisagem protegida”

Simone Fadel – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

simonefadel@uerj.br

Henrique S.de Souza- Universidade do Estado do Rio de Janeiro

henriquefebfb@hotmail.com

Introdução

Este trabalho está relacionado às pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos do Espaço Social da Baixada Fluminense: história, memória e identidades (NIESBF), vinculado ao curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - campus da Baixada Fluminense. Dentre as pesquisas desenvolvidas pelo NIESBF, destaca-se, aqui, a investigação das estratégias de proteção ambiental na região.¹ A primeira etapa desta pesquisa consistiu na reflexão sobre a importância da técnica e da ciência na construção da idéia de Unidades de Conservação - estratégia proteção ambiental posta em prática desde final do século XIX e que se constitui, atualmente, como uma das principais vertentes de intervenção no espaço, a partir da sua qualificação em “paisagem natural a ser preservada” - e de como esse saber influenciou nas políticas públicas, científicas, nas tensões decorrentes entre o conhecimento local e científico reveladores de paisagens diferenciadas sobre o mesmo espaço. Com o objetivo de resgatar historicamente a construção da categoria Unidade de Conservação e o papel da geografia buscou-se uma reflexão sobre o papel desempenhado pelo conhecimento científico na constituição da concepção de “natureza protegida”, principalmente, através do projeto de geografia presente entre os integrantes da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, no final da década de 20. Destaca-se que neste período histórico, incluindo os anos 30 e 40, quando as leis voltadas “à conservação da natureza” foram formuladas, o projeto de geografia ainda se apresentasse de forma embrionário e em disputa com outros setores profissionais e campos de saber.

¹ Para conhecimento das Unidades de Conservação existentes na região da Baixada Fluminense, ver o seguinte sítio: <http://www.bvnec.uerj.br/>

Entre os conhecimentos que contribuíram para definir e dar sentido à construção dos Parques Nacionais ter-se-á um olhar mais atento para os conhecimentos geográficos e biogeográficos, pois estes são fundamentais na definição e demarcação de um espaço diferenciado, possuindo o poder de formular e responder questões como: o que deve ou não ser protegido e o por quê? (amplitude geográfica das espécies, distribuição das espécies); Quais seriam as estratégias para gerir esse espaço (como manejar a natureza protegida)? E, finalmente, como construir mecanismos de proteção dessa área? Desta forma, o conhecimento produzido é investido de um poder de valoração dos seres vivos e dos espaços a serem protegidos. No entanto, estes conhecimentos foram produzidos, como veremos, principalmente por “naturalistas” brasileiros que durante a década de 30 buscaram consolidar os campos da zoologia e da botânica, através do ideário de preservação ambiental e identidade nacional. A formação deste um grupo de intelectuais dedicados a reflexão de diversos temas², principalmente, na década de 30, para o fortalecimento do Estado e, conseqüentemente, para a identidade nacional. Neste sentido, Franco (2002) afirma que:

Havia grupos que se preocupavam com o patrimônio cultural, outros que se voltaram para as reformas educacionais, aqueles que pretendiam reordenar o arcabouço jurídico – institucional do estado e ainda aqueles que se dedicaram à questão da proteção á natureza no Brasil. Os objetos de debate foram o smais diversos, mas , o clima de opinião, sem dúvida se definia por um intenso nacionalismo e por uma fé na ciência como guia para o progresso (FRANCO, p.10)

No espectro de intelectuais da época buscamos um recorte entre os geógrafos³ e nossa filiação à geografia delimitou, inicialmente, os arquivos e fontes primárias consideradas. A análise das Revistas da Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro, embora se constitua em um período anterior a criação do Parque de Itatiaia (1937), nos apontou para um momento especialmente importante, a formação do Curso Superior Livre de Geografia. Embora a sociedade não fosse composta por geógrafos, ela congregava um grupo de

² Um dos temas caros aos engenheiros e, conseqüentemente, aos futuros engenheiros-geógrafos formados na Escola politécnica consistia no saneamento do ambiente assolado por doenças tropicais, com destaque na malária. Neste sentido, ver o trabalho desenvolvido por FADEL (2006) sobre a Comissão Brasileira de Saneamento da Baixada Fluminense(1910-1916).

³ Destaca-se que a denominação de geógrafos não está vinculada, necessariamente, à formação profissional, tendo em vista que os próprios cursos de formação de geógrafos, no Brasil, ocorrerá posteriormente ao período tratado neste trabalho. Assim, além dos engenheiros-geógrafos , que se aproximariam mais dos futuros geógrafos, consideramos os profissionais que se colocavam próximos a este campo de saber, como por exemplo através da filiação à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e, posterior, Sociedade Brasileira de Geografia.

intelectuais declaradamente preocupados com este campo. Isto ocorre, por exemplo, com a formação, nos anos 20 de um grupo específico de profissionais que liderados, em um primeiro momento, pelo engenheiro-geógrafo Everardo Backheuser que apresentará ao conjunto dos associados e a sociedade em geral uma perspectiva de geografia e de geógrafo.

Com relação à composição da Sociedade, considerando o momento de sua formação (1883) até o Primeiro Congresso Brasileiro (1909), integravam:

(...) os quadros sociais da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (SGRJ) advogados, médicos, engenheiros civis e militares que compartilhavam da idéia do utilitarismo da ciência e da crença no progresso da nação brasileira.(CARDOSO,2005,p. 80)

Embora a Sociedade tenha se estabelecido com um caráter plural associados, Cardoso aponta para o seu propósito de institucionalização do saber geográfico, propósito compartilhado por outras Sociedades de países europeus.

Entende-se que o Curso Superior Livre de Geografia, apresenta-se como uma proposição de institucionalização, criado em 1926, através da análise do discursos produzidos sobre si, seu currículo, seu corpo docente se apresenta como um momento privilegiado de institucionalização da geografia. Além disso, destaca-se a possível influência da geração formada, os chamados Laureados em Geografia, bem como do próprio corpo docente que, como veremos, integram diversos cargos públicos no campo administrativo ou como docentes do Colégio Pedro II ou da Escola politécnica.

O Curso Superior Livre de Geografia: os formuladores da Nova Geografia no Brasil

Em 1926, Everardo Backheuser. inaugura o Curso Superior Livre em geografia com um discurso intitulado a “Nova geografia”. Antes de abordarmos aspectos fundamentais neste discurso inaugural, vamos abordar a seus objetivos, estrutura e alguns docentes que conseguimos identificar. Este curso, vinculado a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, se constituiu, em uma das primeiras ações sistematizadas de institucionalização da Geografia no Brasil.

O corpo docente do curso no ano de 1926 era composto entre outros por Delgado de Carvalho; Luis Caetano de Oliveira, Dona Heloisa Alberto Torres, Doutores Jorge Kafuri, Beiral Sardinha e Fernando Pires. Entre as disciplinas oferecidas, encontram-se Cosmografia, Physiografia, Meteorologia e climatologia, Methodos estatísticos e cartas geographicas, Ecologia e Ocenografia.

O Objetivo principal do curso era se dedicar ao aprofundamento dos professores que ministravam a disciplina de geografia no ensino básico. A importância da formação dos professores do ensino básico, também é abordado, por Capel ao analisar o processo de institucionalização da geografia na Europa. Afirma o autor que:

El argumento esencial de este trabajo puede resumirse así. a pesar de la antigüedad del término "Geografía", la geografía del siglo XX tiene poco que ver con la del período anterior al siglo XI X. La geografía actual tiene su origen en el proceso de institucionalización que desde mediados del siglo XIX, y tras un periodo de retroceso de esa ciencia, conduce a la aparición de la comunidad científica de los geógrafos, prolongada sin interrupción hasta nuestros días. Los factores que condujeron a la existencia institucionalizada de esta comunidad, están directamente relacionados con la presencia de la geografía en la enseñanza primaria y secundaria en el momento en que los países europeos inician el rápido proceso de difusión de la enseñanza elemental, fue la necesidad de formar profesores de geografía para las escuelas primarias y medias el factor esencial que condujo a la institucionalización de la geografía en la universidad y a la aparición de la comunidad científica de los geógrafos. (CAPEL,1977)

Outro aspecto abordado por Capel diz respeito a relação entre institucionalização e reconhecimento da “especificidade” do saber geográfico frente à outros saberes já estabelecidos. Esta questão é posta pelo autor nos seguintes termos:

En la lucha por el reconocimiento de su existencia los miembros de la nueva comunidad (a los que llamaremos geógrafos) tuvieron que esforzarse en mostrar el carácter específico de su ciencia, discutiendo el objeto de la misma y definiendo los límites respecto a las ciencias practicadas por otras comunidades de científicos (geólogos, historiadores, etnólogos, ecólogos, sociólogos, etc.). Mas adelante el crecimiento de la propia comunidad y/o el bloqueo de las carreras docentes tradicionales -como resultado, por ejemplo de la competencia de naturalistas y de historiadores en la enseñanza media- condujo a la búsqueda de nuevas salidas profesionales para los miembros de la comunidad; ello no dejó de incidir en la aparición de nuevas orientaciones de la disciplina y de sus correspondientes justificaciones teóricas. Los miembros de la comunidad científica de los geógrafos poseen, Pues. unos intereses y objetivos específicos, e n relación a los cuales han desplegado unas estrategias muy coherentes y permanentes que pueden detectarse en los textos científicos producidos por esta comunidad. (CAPEL,1977)

Após estas considerações tomadas de empréstimo de Horacio Capel, vejamos similaridades nas expectativas de institucionalização associada à especificidade da geografia expressas no discurso do Backheuser.

A NOVA CONCEPÇÃO DA GEOGRAPHIA- Conferência realizada pelo Professor Dr. Everardo Backheuser, inaugurando as preleções do Curso Superior Livre de Geographia, aos 25 de maio de 1926.

As idéias apresentadas por Backheuser, durante a conferência, podem ser resumidas nos seguintes pontos:

- Reconhecimento da existência da geografia, independente do seu reconhecimento como ciência;
- Conhecimento das diferentes perspectivas a respeito da geografia e negação da divisão entre geografia humana e física;
- Afirmação da especificidade da geografia frente a outros saberes.

Com relação a este último ponto, Backheuser não dialoga com a geologia ou a própria engenharia que até a década de 30 tomará para si a formação dos “geógrafos”, na formação dos engenheiros-geógrafos. Ele busca claramente se diferenciar das chamadas ciências naturais, tais como a biologia e a própria ecologia. Mais adiante aponta para unidade da geografia, entendida tanto no seu aspecto humano como no seu aspecto físico:

Os geólogos, como Richtofen, Suess(...) , que se fazem geógrafos atribuem ao estudo da parte física do Globo o escopo primordial da Geographia. Os políticos , os que antes tinham sido economistas e historiadores, do tipo de Vidal de La Blache, atribuem por irrefragável sugestão, aos problemas etnographicos e humanos. Nem estes e nem aqueles têm razão. A geographia não é apenas phisica como não é apenas humana. A geografia é a ligação estreita e indissolúvel entre o solo e o homem.

Desta forma, pode-se apreender que Backheuser busca afirmar os aspectos da geografia destacadas por Capel:

El paisaje, en efecto, se convirtió desde principios del siglo XIX em um objeto essencial de La investigación geográfica.(...) La insistência em el paisagem permitia identificar um objeto específico para a ciência geográfica, diferenciandándola claramente de lá ecología y de las diferentes disciplinas que contribuyen también al igual que la insistência em la región, superar el peligro amenazante de división de la matéria entre uma geografia física y outra humana. (Capel,1981)

Esta rápida imersão em um momento da historiografia da geografia no Brasil apresenta pontos que destacam uma certa unidade e, principalmente, buscam uma identidade teórica no campo do saber geográfico que irá formar os docentes do ensino fundamental, mas sobretudo também se constituí numa tentativa de conquista de um campo próprio de conhecimento e de prática profissional. Os anos vindouros representaram uma maior inserção no campo das expedições no sentido estrito com a continuidade das comissões de interiorização do país. Talvez este aspecto técnico de formação de uma cartografia nacional tenha sido o ponto de identidade do final dos anos 30. Neste período, não encontraremos de forma tão clara e nuclear um grupo de intelectuais voltados para a definição e divulgação do saber sobre a geografia. Alguns dos intelectuais que se uniram por “uma nova geografia” formaram os quadros burocráticos do estado. No entanto, percebe-se no discurso de Backheuser, apresentado anteriormente, a preocupação de delimitar no campo da geografia as relações entre as espécies biológicas e sua região. A idéia de amplitude geografia, nuclear ainda à biogeografia atual, está claramente presente na simples constatação feita pelo autor que:

A planta não nasce senão onde “pode nascer”, e calmamente a physionomia, que aqui se atrofia e míngua, para acolá se tornar magestosa e linda. Em cada região da terra onde as condições de calor e humidade forem as mesmas, haverá sempre o mesmo tipo florestal. (...) Todos estes factos são determinados com rigidez mathematica. Póde-se prever onde aparece um deserto ou onde surge uma floresta, com rigor científico l igual a que nos dá a physica ou a chimica. Os trabalhos de Humboldt não são, porém de botanica: são de geographia. A Botanica, assim como, aliás a zoologia, estuda famílias,gêneros,espécies,nos seus caracteres morphologicos e physicos.

O saber geográfico e a legitimação da idéia de Natureza Preservada

Ao buscarmos referências junto à literatura corrente que trata da origem e do contexto da formação da primeira unidade de conservação no Brasil, o Parque Nacional de Itatiaia, criado em 1937, através do decreto 1.713. Fundamentado no Código Florestal de 1934, a justificativa para a criação do Parque, antiga estação ecológica, é expressa pelo Governo no seu primeiro considerando a partir de suas características naturais peculiares. Estas características, segundo Pádua transformaria o Parque em um intenso laboratório de pesquisa, principalmente, durante a gestão de Walderbilt Duarte de Barros (gestão nos anos 40 /50), “fez do parque um centro de pesquisa em ecologia, história natural e biologia(Pádua,1997,p.165).

A referência ao saber vinculado as ciências da natureza , destacando-se os aspectos de sistemática da flora e da fauna, é predominante na literatura que associa os movimentos de proteção ambiental nos anos 30. Como vimos, este período reuniu, um grupo de intelectuais e cientistas que participaram do contexto Vargasista a partir do trinômio **Identidade Nacional- Cientificismo- Modernização**. Desta forma, Franco (2002) afirma que:

O ambiente político-intelectual brasileiro nas décadas de 1930-1940 definia-se por um intenso nacionalismo aliado ao desejo de modernização da sociedade e das instituições do Estado.(...) No caso da proteção da Natureza, havia um grupo razoavelmente organizado(...) A maneira como esse grupo se inseriu no contexto político-intelectual da época e o seu relativo sucesso estiveram associados ao fato de ter relacionado as preocupações com a natureza com a questão de identidade nacional. (FRANCO,2002,14)

Este ambiente “político- intelectual” é analisado por Franco a partir de alguns nomes considerados pelo autor como aqueles cujas obras estariam vinculadas mais claramente a proteção da natureza. Interessante notar que todos os nomes apresentados por Franco estiveram em algum momento vinculados ao Museu Nacional e, na sua maioria, apresentam uma produção que poderia ser definida no amplo espectro das ciências naturais, como Botânica ou Zoologia. Nenhum intelectual do campo da geografia fossem os antigos Laureados do Curso Superior Livre de Geografia ou os engenheiros-geógrafos ganharam destaque em sua análise. O fato da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro ser uma das instituições citadas por Franco neste período, pode pouco significar uma vez que vários botânicos, engenheiros, zoólogos eram sócios da SGRJ. Mesmo assim, a Sociedade não é

citada como uma das instituições presentes na primeira Conferência de Proteção da Natureza.

O mesmo fato ocorre com a obra de Warren Dean no seu trabalho de historicizar a destruição da Mata Atlântica.

Na literatura que trata especificamente dos Parques Nacionais temos uma dubiedade de informações. Enquanto é unânime a participação do Botânico Alberto Loefgren, existem várias referências a um “naturalista” e/ou Geógrafo sueco de nome Hubmayer e a ele, muitas vezes, é imputada a idéia , ainda no início do século XX, da criação do Parque Nacional⁴.

Percebe-se que as ciências naturais encontram espaço de legitimação na perspectiva de preservação ambiental que originou o primeiro Parque Nacional. Embora, “titulados pela prática”, uma vez que os mesmos ou não possuíam titulação acadêmica ou não possuíam formação na área de biologia, por exemplo, seus nomes vinculados à instituições científicas de certa forma já consolidadas e capazes de conferir mérito acadêmico aos seus participantes, como por exemplo o Museu Nacional e o jardim Botânico, diferente da eclética Sociedade Brasileira de Geografia. Desta forma, o saber geográfico parece ter sido verdadeiramente apropriado por outros saberes que se constituíram como fundamentais na formulação da identidade nacional . A fala anterior de Backheuser, em sua Nova Geografia, parece soar como uma advertência de se entender as especificidades dos campos em questão, preservando assim o papel da geografia e de seus atores no campo de disputa em questão, isto é a idéia de nação forjada no período.

No entanto, cabe destacar que os grandes nomes ligados ao movimento intelectual de preservação ambiental estiveram presentes nas comissões geológicas e geográficas que tornou o país (a nação na qual se deseja criar uma identidade) conhecido. Para citar exemplos bem conhecidos temos a presença do zoólogo Mello Leitão e Hoehne na Comissão Rondon.

Tanto Melo Leitão como Hoehne serão citados como expoentes da proteção ambiental do período, inclusive com a criação de associações para este fim. No que se refere

⁴ É importante destacar, que nos arquivos consultados, não existe nenhuma referência ao geógrafo Hubmayer e mesmo as fontes secundárias que destacam sua participação não estão embasadas em referência à fontes primárias. Este, portanto, acabou constituindo um “mistério acadêmico”, por assim dizer.

aos engenheiro-geógrafos e geólogos a demarcação e reconhecimento espacial, bem como o projeto da elaboração da Geral do Brasil pode ser considerado como uma marca do trabalho de diferentes profissionais que ainda estavam em busca de sua afirmação profissional, tal como a definição da geografia e do geógrafo que nos anos anteriores mobilizou, como vimos, profissionais em torno de um projeto de geografia e de geógrafo nos anos 20.

O Importa-nos, ainda, reafirmar como considerações finais que o saber geográfico da época e sua relação com os intelectuais, cientistas e funcionários públicos promotores da chamada proteção da natureza foi eclipsada pelo saber biológico, em especial do ponto de vista da zoologia e da Botânica. É certo que a “institucionalização universitária” destas ciências, também, ocorreu tardiamente, já na década de 30, tal como ocorreu na geografia em São Paulo e no Rio de Janeiro. No entanto, ao contrário daquelas, a geografia não contou com instituições de prestígio acadêmico, tais como o Museu Nacional como locus de interlocução e produção científica. Sem dúvida a Escola Politécnica poderia ter exercido este papel, uma vez que até a estruturação das Universidades já citadas, era na Escola que os engenheiros-geógrafos se formavam. No entanto, a formação dos mesmos foi fundamental para a inserção desta categoria profissional no campo da construção ferroviária.

Tendo em vista, portanto, que a identidade da geografia no período deve ser buscada nos projetos de institucionalização universitária tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, entendemos que tal empreendimento foge ao escopo deste artigo

Referências:

AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 2v, 1958.

BARATA, Mario. *Escola Politécnica do Largo de São Francisco* : berço da engenharia nacional, Rio de Janeiro: Associação dos antigos alunos da Escola Politécnica/Clube de Engenharia, 1973.

BARROS, Nilson Cortez Crocia de. Delgado de Carvalho e a geografia no Brasil como arte da educação liberal. *Estud. av.*, Jan./Apr. 2008, vol.22, no.62, p.317-333.

CARDOSO, Luciene P. Carris. Novos horizontes para o saber geográfico: a sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (1883-1909). Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência. Rio de Janeiro, v.3 n.1, p.112-124, julho-dezembro de 2005.

CARLOS, A.F.A. A geografia brasileira, hoje: algumas reflexões. Terra Livre. São Paulo, ano 18, v.1, n.18, p.161-178, janeiro-junho de 2002.

CAPEL, Horacio. INSTITUCIONALIZACION DE LA GEOGRAFÍA Y ESTRATEGIAS DE LA COMUNIDAD CIENTÍFICA DE LOS GEÓGRAFOS (I), Geo Crítica,ano1, n9, maio , 1977.

CAPEL, Horacio. Filosofia y Ciência em La Geografia contemporânea:uma introdução a La Geografia.Espanha, Editora Barcanova,1981.BELLO, J.M. *História da República* (1889-1945).São Paulo: Companhia Editora Nacional,1956.356p.

COELHO,Edmundo Campos. *As Profissões Imperiais: Medicina,Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro -1822-1930*.Rio de Janeiro:Record,1999.304p.

DEAN, Warren. *A ferro e a fogo: A história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira*. São Paulo:Companhia das Letras,1996.484p.

DRUMOND, José Augusto. *Devastação e Preservação ambiental: Os parques Nacionais do Estado do rio de Janeiro*, Editora da Universidade Federal fluminense, Niterói,RJ, 1997

_____. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa, *Estudos Históricos*,Rio de Janeiro, v.4, n.8, p.177-197,1991.

FADEL,Simone. Meio Ambiente, Saneamento e Engenharia no Período do Império à República: Fábio Hostílio de Moraes Rego e A Comissão Federal de Saneamento da Baixada Fluminense (1910-1916). Tese de Doutorado, Programa de Pós –Graduação em História da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

FERREIRA, Luiz Otávio. Ciência pura versus ciência aplicada; la fuerza de la tradición positivista en la ciência brasileña a comienzos Del siglo XX . México,DF: *Secuencia: Revista de historia y ciencias sociales*, núm. 41, mayo-agosto, 1998.

FIGUERÔA, Silvia F. de M. *As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934*. São Paulo: HUCITEC, 1997. 270p.

_____.(org.) *Um olhar sobre o passado: História das Ciências na América Latina*, Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. 282p. (Coleção Pesquisas).

FRANCO, José Luiz de Andrade. A Primeira Conferência Brasileira de Proteção à Natureza e a questão da identidade nacional. *Varia História (dossiê história e natureza)*. Belo Horizonte, n.26, p.77-96, janeiro de 2002.

FRANCO, José Luiz de Andrade. *Proteção à Natureza e identidade nacional: 1930-1940*, Tese de Doutorado, Programa de Pós – Graduação em História da Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. Cândido de Mello Leitão: as ciências biológicas e a valorização da natureza e da diversidade da vida. *História, Ciência, saúde-manguinhos*. Rio de Janeiro n.4, p.1265-1290, outubro-dezembro, 2007.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Notas sobre a identidade nacional e institucionalização da geografia no Brasil. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v.4, n.8, p.166-177, 1991.

PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental escravista (1786-1888)*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, 318p.

TELLES, Pedro C. da Silva. *História da Engenharia no Brasil*. Rio de Janeiro: Clavero, 2vs, 1994.

THOMAS, Keith. *O Homem e o mundo natural*, São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 454p.

PEREIRA, Sergio Luiz Nunes. Obsessões geográficas: viagens, conflitos e saberes no âmbito da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência. Rio de Janeiro, v.3 n.2, p.112-124, julho-dezembro de 2005.

SCWATZMAN, Simon. *Formação da Comunidade científica no Brasil*. São Paulo: Cia Editora Nacional/FINEP, 1979.